

**MANDATO DE 2021-2025**

**ATA N.º 2/2024**

-----A Assembleia Municipal de Sertã reuniu em Sessão Extraordinária, nos termos do nº 2 do artigo 28º e da alínea b) do nº 1 do artigo 30º do Anexo I da Lei n.º 75 de 12 de setembro 2013, no dia 25 de abril, pelas 10:00 horas para a realização da Sessão Solene Alusiva aos 50 anos de 25 de Abril, no Salão da Assembleia Municipal, no Edifício dos Paços do Concelho, presidida por José Pedro Leitão Ferreira, auxiliado pelos secretários Ana Margarida Cardoso Alves e Anabela Farinha Leitão Ruivo Brízio.-----

-----Feita a chamada verificou-se a existência das seguintes presenças: José Pedro Leitão Ferreira, Alfredo Manuel Pereira Geraldês Dias, Vítor Manuel do Carmo Cavalheiro, João Carlos Silva Almeida, Ana Margarida Cardoso Alves, Maria de Lurdes Silva Teixeira Sequeira, Jorge Manuel Rodrigues Farinha, Anabela Farinha Leitão Ruivo Brízio, Jorge Manuel Marques Coluna, Alvaro Fernando Carvalho Monteiro, Raquel Sofia Dias Fernandes Peres Horta Antunes, Samuel Dias Xavier, Nuno Pedro Leitão Melo, Daniel Filipe Domingos, Daniel Filipe Nunes Luis, Paulo Jorge António Martins Ferreira, Maria João Fernandes da Mota Torres, Anabela Luis Nunes, Cátia Filipa Vicente Pinto, Jorge Manuel Farinha Nunes, Adriana Pires Santos, António Nunes Xavier, Carlos Mateus Marques Lopes, Maria João Alves Ribeiro, Pedro José Fernandes Vitorino Coelho, José Mateus Lopes, Manuel Francisco Antunes Dias, Joaquim José da Silva Pereira Alves, Rogério Paulo Antunes Luis e Maria Gracinda Lourenço Marçal.-----

-----Pediram a substituição à sessão, que foi apreciada e aceite, os deputados municipais:-----

António José Lopes Simões, (PSD) tendo sido substituído por Duarte Ribeiro Matias.--

Francisco José Antunes Dias Rei, (PS) tendo sido substituído por Álvaro Fernando Carvalho Monteiro.-----

Cristiana Tagaio dos Santos, (PS) tendo sido substituída por Daniel Filipe Domingos Caldeira.-----

António Vicente Xavier de Matos, (PS) tendo sido substituído por António Nunes Xavier.--

Faltou o deputado Duarte Ribeiro Matias.-----

-----**Presidente da Assembleia:** Cumprimentou todos os presentes.-----

De seguida declarou haver quórum e abriu a sessão extraordinária.-----

-----**Ponto Único - Sessão Solene Alusiva aos 50 anos de 25 de Abril.** --- -----

-----**Presidente da Assembleia Municipal** – Iniciou a sua intervenção através da leitura de documento que aqui se dá por reproduzido na íntegra: -----

“Exmº Sr Presidente da Câmara Municipal da Sertã,-----

Exm<sup>as</sup> e Sr<sup>as</sup> e Sr<sup>os</sup> Membros do Executivo Camarário, -----

Exm<sup>as</sup> e Sr<sup>as</sup> e Sr<sup>os</sup> Deputados Municipais,-----

Caríssimas colegas membros da Mesa da Assembleia Municipal, -----

Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> Secretária da Assembleia Municipal, -----

Exmº Srº Técnicos do Município, -----

Exm<sup>as</sup> Sr<sup>as</sup> e Sr<sup>os</sup> Jornalistas -----

Exm<sup>os</sup> Srs. Convidados, -----

Sr<sup>as</sup> e Srs. Munícipes presentes na sala e também todos os que nos acompanham através da transmissão da Rádio Condestável e da Médio Tejo Net.-----

Os meus mais sinceros cumprimentos, e um agradecimento muito especial pela vossa presença nesta sessão da Assembleia Municipal da Sertã, comemorativa dos 50 Anos do 25 de Abril de 1974, extensível aos grupos municipais e aos deputados únicos que votaram favoravelmente e por unanimidade, a realização desta sessão. -----

Faz hoje, também numa quinta-feira, precisamente 50 anos que, pela calada noite, um grupo de jovens capitães pôs em prática um plano arrojado que levou a cabo um golpe de Estado que derrubou um regime gasto e “orgulhosamente só”, que estrangulou Portugal e os portugueses durante um longo inverno de 48 anos de ditadura, que mantinha uma longa guerra colonial, que se suportava na ação violenta de uma polícia política que não tinha qualquer contemplação em perseguir, torturar, deportar e matar muitos dos que ousavam pensar de forma diferente, abrindo um novo capítulo e um novo rumo na história de Portugal.-----

No dia 25 de Abril de 1974 o POVO saiu à rua, saiu à rua para apoiar a revolução e gritar bem alto a palavra LIBERDADE. -----

A tão desejada LIBERDADE que alimentou, durante mais de quatro décadas, o imaginário de muitos que por ela lutaram, em silêncio, no anonimato, nas prisões, na clandestinidade, tendo por vezes pago tamanha ousadia, com a própria vida. -----

O perpetuar da Guerra Colonial, a crescente degradação da carreira militar e do prestígio das Forças Armadas, em conjunto com objetivos de natureza política que passavam pela implementação da democracia e pela autodeterminação das colónias ultramarinas, fez com que um grupo de militares do Movimento dos Capitães, com a sua coragem e determinação, tornasse possível que, passados 50 anos, estejamos

aqui reunidos, na casa do poder autárquico, ele próprio fruto da revolução, para celebrar os valores de ABRIL em liberdade, com responsabilidade, expressando livremente o nosso pensamento, as nossas ideias, defendendo crenças e valores, em pleno respeito pelos demais. -----

Estes foram os nossos heróis, merecedores de um forte sentimento de gratidão pelo passado, pelo presente e por nos proporcionarem a oportunidade de decidir aquilo que virá a ser o futuro de Portugal. -----

Permitam-me, pois, que expresse publicamente e de forma muito veemente tal gratidão, e que o faça na pessoa de um dos Capitães de Abril, o nosso conterrâneo Coronel Adelino Reis e Moura, presente nesta cerimónia em representação da Associação 25 de Abril, e para quem peço uma enorme salva de palmas. -----

Com a revolução do dia 25 de abril de 1974 surgiu outra palavra – DEMOCRACIA - uma nova forma de organização política e social em que os cidadãos passam a participar, diretamente ou através de representantes eleitos em eleições livres e de sufrágio universal, na elaboração de proposta e no desenvolvimento e criação de leis, exercendo o poder da governação.-----

Após uma fase inicial de grande convulsão política e social, a Revolução do 25 de Abril trouxe uma nova organização política e administrativa para Portugal, com novos desafios e novas responsabilidades. A realização de eleições livres para a Assembleia Constituinte em 1975, a nova Constituição da República Portuguesa aprovada em 1976, a Instituição do Poder Autárquico no final de 1976, vieram consolidar o novo regime democrático, e contribuir para uma definição e clarificação das instituições democráticas - Assembleia da República, Presidente da República, Governo e Tribunais - e dos respetivos poderes Legislativo, Presidencial, Executivo e Judicial. ----

A assinatura do tratado de adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE) em 1985, a assinatura do Tratado da União Europeia (EU) em 1993, a assinatura do acordo para o Espaço Económico Europeu em 1994, a integração no Espaço Schengen em 1995, na Zona Euro em 1999, e a entrada em circulação de uma moeda única europeia – o euro – em Janeiro de 2002, constituíram marco importante da história recente de Portugal, bem como passos fundamentais para um futuro de progresso e de modernidade que, mais uma vez, só foram possíveis devido à implementação e à consolidação do regime democrático resultante da revolução de 25 de abril, e da consequente abertura de Portugal à europa e ao mundo.-----

No entanto, nos últimos anos, vários têm sido os países da EU, incluindo Portugal, que têm sido confrontados com tentativas para condicionar e descredibilizar os regimes

democráticos, através de ataques cirúrgicos aos diferentes órgãos de soberania e à forma como estes exercem os respetivos poderes constitucionais. -----

Talvez nem tudo tenha corrido bem ao longo destes últimos 50 anos. Talvez pudéssemos ter feito mais e melhor. Mas é importante não esquecer que as democracias não são sistemas perfeitos, são implementadas e lideradas por homens, homens que enquanto humanos também erram. No entanto, é importante não esquecermos que só as democracias nos garantem esta abertura para analisar, discutir e opinar de forma livre e crítica sobre o resultado das políticas utilizadas e da ação governativa. Isso é algo que não tem preço!-----

Ainda a propósito da democracia, permitam-me que relembre as palavras de Winston Churchill, "ela é o pior dos regimes, à exceção de todos os outros". -----

Esta frase, tantas vezes usada, continua a ser eficaz na defesa das virtudes dos sistemas políticos democráticos. Leva-nos ainda a uma reflexão profunda sobre o conceito de democracia, e a uma tomada de consciência que as democracias e os regimes democráticos não são eternos, é necessário cuidar deles, nutri-los, mante-los saudáveis, com vitalidade e sustentabilidade, caso contrário correm o sério risco de, simplesmente, desaparecer. -----

Cabe a cada um de nós, cidadãos de pleno direito, mais ou menos atentos, mais ou menos interessados, desempenhar de forma atenta essa tarefa, monitorizar e avaliar o funcionamento das instituições democráticas, dos governos, solicitar esclarecimentos, colocar dúvidas, cobrar promessas não cumpridas e, em último recurso, utilizar a arma mais poderosa que temos em democracia – o voto do povo – que nos permite instituir a mudança sempre que necessária.-----

Notícias recentes divulgadas pela comunicação social, baseadas num estudo realizado pelo ISCSP a propósito dos 50 anos do 25 de Abril, apontam para o facto de a esmagadora maioria dos inquiridos demonstrar preferência clara pelo regime democrático, mas que 47% apoiaria um líder "forte" sem eleições nem Parlamento, incluindo outras formas autocráticas de governo. -----

Surpreendente ... ou talvez não!-----

O comodismo, a indiferença, o distanciamento, a desilusão, suportada por uma narrativa de alegada degradação das instituições e do regime democrático, baseado na temática da suposta falta de transparência e da corrupção, muitas vezes suportada por notícias falsas ou manipuladas que alastram de forma descontrolada nas redes sociais e em alguns meios de comunicação, são alguns dos principais inimigos da democracia, alimento profícuo dos populismos, do discurso fácil mas vazio, que soa

bem ao ouvido, que se limita a identificar problemas e lacunas sem apontar solução reais, exequíveis, alimentando e alimentando-se do descontentamento, utilizando palavras vans e inverdades que em nada contribuem para a solução, apenas para criar, incendiar e ampliar o problema. -----

É pois importante que continuemos a acreditar na democracia e nos regimes democráticos, a identificas as suas falhas mas também a reconhecer as suas imensas virtudes, é importante que os mais jovens se mantenham atentos, informados, que se possam interessar pela política, que sejam participativos através de partidos políticos, de movimentos de cidadãos ou de outras formas de intervenção cívica na sociedade, respeitando as regras da sã convivência democrática, do respeito pelas ideias dos outros, mesmo que diferentes e contrarias às nossas, valorizando a ética e a transparência, sem esquecer que “mesmo o pior dos regimes democráticos, será sempre melhor que a melhor das ditaduras”, mais que não seja, porque em democracia, temos sempre a liberdade e a oportunidade de mudar.-----

Excelências,-----

Não poderia terminar esta minha intervenção sem evocar, neste Salão Nobre dos Paços do Concelho da Sertã, na celebração dos 50 anos da Revolução de Abril, o pensamento e as ideias de um ilustre Sertaginense – O Padre Manuel Antunes – que no corpúsculo da revolução do 25 de Abril teve a coragem, a ousadia e a clareza de apresentar um caminho para Portugal.-----

Passados 50 anos da revolução de Abril, algumas questões por si colocadas permanecem em aberto. Que sociedade deseja construir? Que sociedade conseguimos construir? Que modelo democrático queremos para Portugal?-----

Será que, tal como referia Manuel Antunes, ainda continuamos a procurar:-----

- Uma sociedade verdadeiramente pluralista, em que o regime ideológico seja reduzido ao mínimo, em que a perseguição por motivos de raça, de crença, de filosofia, de ciência, “de género ou de orientação sexual” [acrescento eu] deixe de ser possível;-----
- Uma sociedade em que o nacionalismo, alibi de tantas perturbações, não se erga como bandeira, e em que os fármacos imunizadores contra os mais diversos e contrários «ismos» sejam de fácil acesso;-----
- Uma sociedade em que espectro da mentira generalizada pela propaganda, da mentira que gera mentira, por omissão ou comissão, se encontre afastada do mundo exterior;-----
- Uma sociedade em que a política não se encontre desvinculada da ética e em que a

ética não se encontre desvinculada da política, uma sociedade em que a ética e a transparência continuem a ser pilares fundamentais da democracia e dos regimes democráticos;-----

- Uma sociedade com um mínimo de Utopia, sem a qual as sociedades humanas em geral e a sociedade portuguesa em particular ou caem na greve dos braços caídos ou entram pelo labirinto de todos os maquiavelismos e oportunismos ou, mais grave ainda, sentam-se à beira-nada, esperando num desespero tranquilo, a própria morte;

- Será que ainda estamos a tempo de implementar o modelo de democracia progressiva: (des) burocratizar, (des)ideologizar, (des)clientelizar e (des)centralizar proposto para Portugal?-----

O Padre Manuel Antunes foi, sem dúvida, um visionário que, com a clareza e a simplicidade complexa do seu pensamento, foi capaz de realizar um diagnóstico detalhado dos perigos que ameaçam a consolidação e a durabilidade da democracia, em Portugal e numa Europa em constante mudança e sob pressão crescente. -----

Cabe a nós, seus conterrâneos, continuar a lutar pela divulgação do seu legado, pela implementação de uma outra forma de OLHAR ABRIL e de REPENSAR PORTUGAL.-

Neste dia em que ainda podemos celebrar a Liberdade e a Democracia;-----

E-----

Para que a Liberdade e a Democracia, que alcançámos até hoje, se mantenham para as gerações vindouras;-----

Para que o sonho do 25 de Abril perdure nos nossos corações;-----

Para que Portugal continue a florescer e a prosperar enquanto nação valente e imortal; É cada vez mais determinante que a vontade popular se mantenha constante, firme e vigilante face aos verdadeiros ideais de Abril.-----

Vivam a Liberdade e a Democracia!-----

Viva Portugal!-----

25 de Abril SEMPRE!-----

-----**Jorge Farinha** em representação da bancada do Partido Socialista – Iniciou a sua intervenção através da leitura de documento que aqui se dá por reproduzido na íntegra:- -----

“Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal;-----

Exmas. Senhoras Secretárias da Mesa da Assembleia municipal; -----

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal;-----

Exma. Senhora Vereadora e Senhores Vereadores; -----

Caros deputados desta da Assembleia Municipal;-----



Senhoras e Senhores; -----

Comemoramos hoje o Quinquagésimo Aniversário da Revolução de 25 de Abril de 1974. --- -----

Somos convidados a celebrar meio século de liberdade e democracia em Portugal e perspetivar o futuro em democracia. Para isso precisamos de recuar no tempo e, num exercício de memória, olhar o antes do 25 de Abril de 1974. Permitam que o faça começando por uma memória muito pessoal.-----

Tenho 57 anos. Como facilmente se depreende tinha 7 anos quando aconteceu a revolução dos cravos que comemoramos. Frequentava a 2ª classe na escola da aldeia onde nasci. Na memória, alguns colegas, á lareira da escola secando a roupa do corpo molhada depois de alguns kms percorridos a pé para chegar à escola. No regresso a casa aguardava-nos algumas tarefas, designadamente ir á fonte mais próxima buscar água para casa, porque água canalizada não havia. Eletricidade também não. O conforto das casas era muito pouco. Nossas mães eram domésticas e os pais trabalhavam na agricultura, na floresta, na serração. Ou eram emigrantes, fugidos da guerra e da miséria. As estradas eram de terra batida. A roupa era lavada á mão, no tanque ou no ribeiro. Com sabão azul e branco que adquiriam a crédito no comércio da aldeia. Aqui também adquiriam o petróleo iluminante, o açúcar e arroz, pesados na hora, em cartuchos de 250 ou 500g, cujo valor, muitas vezes, ficava no “livro dos fiados” a aguardar o fim do mês ou o fim da campanha da resina para ser liquidado. -----

Esta é a minha memória da minha aldeia desses tempos a que se junta o relato mais tarde do meu pai acerca dos pides que o abordaram no comboio, em Vilar Formoso, querendo induzi-lo a dizer mal do governo que o “obrigara a ir a salto” para França. Só não caiu naquela armadilha, porque outros emigrantes lhe contaram antes idênticas abordagens e assim se livrou de ir parar aos calabouços. Também junto o relato mais tarde da minha mãe acerca da forma dramática como lhe morreu o bebé nos braços, no caminho para o hospital da vila. E de outras mães que perderam bebés nessa época. Fizeram parte da estatística que relata uma dramática taxa de mortalidade infantil nos anos sessenta, que atingia mais de 70 óbitos de crianças com menos de um ano por cada 1.000 nados-vivos. -----

A memória remete para o antes do 25 de Abril de 1974, para 48 anos de um regime ditatorial, de opressão, de censura, de fraude eleitoral, de repressão, de prisões arbitrárias e da tortura, de guerra colonial e de isolamento internacional com a institucionalização duma condição inferior da mulher ao exigir-lhe quando viajava

R. d.

sozinha para fora do país que exibisse uma autorização do marido. Ou, no caso de enfermeiras, telefonistas e hospedeiras da TAP não poderem casar. Era O Portugal amordaçado como lhe chamou Mário Soares, um dos “políticos que mais tempo teve preso” nessa qualidade e que a um dos livros que escreveu no exílio deu esse título. Portugal Amordaçado constituiu um verdadeiro roteiro para a democracia.-----

É importante este exercício de memória. Mas celebrar o 25 de Abril no presente, - que é marcado por novas ameaças à Paz, à Liberdade e à Democracia, - tem de ir mais longe. E nesse sentido parece apropriada a frase de Padre Manuel Antunes: “A democracia, é preciso merecê-la”. Devemos interiorizar que nada está garantido. Devemos estar vigilantes. A guerra está na Europa e o racismo, xenofobia, ameaças à democracia e à liberdade, mais ou menos disfarçadas, vão entrando nos discursos e programas em territórios próximos de nós. O relatório anual de 2023 da “Freedom House”, intitulado “Liberdade no Mundo”, divulgado no mês passado, apontava para 56 países “não livres” no mundo, onde se registam “eleições fraudulentas”, “deterioração das liberdades e garantias”, “repressão”. “A nível global, a liberdade diminuiu pelo 18º ano consecutivo, à medida que os direitos políticos e as liberdades civis deterioraram-se em 52 países, representando um quinto da população mundial.” Devemos estar vigilantes porque na forja pode estar em preparação um qualquer molde para “ajustar” as conquistas de abril. Há vários obreiros que, com disfarçados martelos, se aproximam do fole e da bigorna.-----

Importa todos os dias, mas hoje de forma especial, homenagear os Capitães de Abril, que levaram a cabo a “Revolução dos Cravos” que pôs fim a essa ditadura, devolveu a liberdade ao Povo Português e que apresentou um programa assente nos chamados 3 D’s: Descolonizar, Democratizar e Desenvolver.-----

1º D de Descolonização. Significava o direito à autodeterminação dos povos, o fim da guerra colonial que mutilava e ceifava vidas (mais de 13.000 mortos), que isolava o nosso país na senda internacional, para além de consumir recursos que escasseavam e eram necessários ao desenvolvimento. A descolonização era inevitável na exata medida em que a guerra era insustentável. A descolonização teve tribulações, a que não foi alheio o clima de guerra fria da altura, mas o Portugal democrático deu esse passo de autodeterminação dos povos e garantiu a integração e ajuda económica a quem regressou.-----

2- D de Democratizar. Significava a passagem para uma sociedade que primasse pela existência de liberdade de expressão/associação e que garantisse a realização de eleições livres. Remetia para uma assembleia democraticamente eleita e para a

aprovação de uma Constituição da República, garante dos direitos liberdades e garantias fundamentais dos cidadãos. Para todos os cidadãos. O Portugal democrático tratou com brandura e tolerância os que serviram em primeira linha o deposto e repressivo Estado Novo. Alguns políticos e até ministros do Estado Novo vieram a exercer funções políticas e ministeriais no pós-25 de Abril e alguns até foram agraciados pela Presidência da República. O Portugal democrático foi integrador. E a democracia traduziu-se na instituição do poder autárquico democrático, com a eleição democrática dos representantes locais, poder este que hoje, todos nós aqui, devemos honrar e dar continuidade. -----

3- D de Desenvolvimento. Significava o reconhecimento do esgotamento do modelo de crescimento económico do Estado Novo, baseado em trabalho mal remunerado e sem direitos, com a predominância do setor primário, focado no mercado interno, moldado na proteção da concorrência pelas leis do condicionamento, numa indústria protegida por pautas aduaneiras lesivas mas confrontada com uma força de trabalho que escasseava porque procurava, clandestinamente (vulgo a “salto”), melhores condições de vida em outros países. -----

Os dois choques petrolíferos que sucederam na 1ª década do Portugal Democrático evidenciaram as fragilidades do país e condicionaram muito as possibilidades de expansão económica. Mas foi encontrada uma saída, chamada integração europeia. A adesão à CEE em 1986 foi o culminar de negociações de vários anos, mas só foi possível, graças ao 25 de abril e ao fim do isolamento internacional. E a Europa é um espaço de democracia de liberdade e de cooperação. Foi com a Democracia e com a Europa, mesmo ainda na condição de candidato à adesão que aquele cenário que descrevi da minha aldeia, e das outras aldeias, se alterou. Chegou a eletricidade, a água canalizada, a melhoria das vias de comunicação, a escola mais apetrechada, um acesso melhor aos cuidados de saúde, etc. Nestes 50 anos muito mudou, fizemos grandes progressos. Ainda assim, estamos insatisfeitos e devemos ambicionar mais. Mas as “dores” que temos hoje, são desse crescimento e não as devemos confundir com as de há 50 anos, as dores da atrofia. Foi com a Europa da solidariedade, garante da segurança e da paz que esse progresso se fez e continuará a fazer. É a nossa muralha coletiva de defesa desses valores. Mas também nesta, há forças que querem participar nas suas instituições democráticas, mas cujo objetivo último é implodi-la, destruí-la por dentro. A vigilância é de todos os democratas da Europa a quem cabe zelar por esta Europa dos valores da tolerância, da cooperação, da liberdade e da democracia. -----

R. J.

O programa do MFA para Portugal assentava nos valores da Paz, Liberdade, Democracia e Progresso. Estes valores não estão garantidos. É preciso lutar por eles todos os dias e por isso, para finalizar, volto a citar Padre Manuel Antunes: «A Democracia é preciso merecê-la. Não pode constituir dádiva generosa de um dia trazida nas espingardas não disparadas e nos cravos não manchados de sangue do Movimento das Forças Armadas.»-----

Viva o 25 de Abril! Viva a Democracia! Viva Portugal! “-----

-----**Alfredo Dias** em representação da bancada do Partido Social Democrata – Iniciou a sua intervenção através da leitura de documento que aqui se dá por reproduzido na íntegra: -----

Jardim de Abril ou sobre as Flores e os Jardineiros -----

Muito bom dia a todos. -----

Começo por cumprimentar:-----

O Senhor Presidente da Assembleia Municipal-----

As Senhoras Secretárias da Assembleia Municipal-----

Todos os Membros da Assembleia Municipal-----

O Senhor Presidente do Executivo-----

A Senhora Vereadora e os Senhores Vereadores -----

A Associação 25 de Abril e todos os Militares de Abril, na pessoa do Senhor Coronel Adelino reis e Moura-----

Todo o Público presente-----

Todos os que nos seguem através dos meios de Comunicação Social

Toda a Comunicação Social presente-----

É para mim um enorme prazer e honra intervir na Assembleia Municipal da Sertã, na Sessão Solene de comemoração dos 50 anos do 25 de Abril, em representação da bancada do PSD.-----

O 25 de Abril é um marco indelével da nossa história; tal, em muito se deve ao fato de ter tido como ideal garantir alguns dos direitos e necessidades mais críticos e profundos de todo o ser humano, como a Igualdade ou a Liberdade. Existiu para garantir que esses valores, não têm dono, são de todos. -----

Dos da esquerda, dos do centro e dos da direita;-----

Dos pobres e dos ricos;-----

Dos cultos pela vida e dos cultos, também, pela educação e formação;-----

Dos novos e dos velhos;-----

Dos que já tinham morrido, e dos que ainda não tinham nascido;-----

Ou, até, daqueles como eu, que já existia, mas ainda não era gente, só o vindo a ser seis meses mais tarde, em outubro de 1974;-----

Sim, o 25 de abril também é meu! -----

Cumprir o 25 de Abril, é desde logo lembrá-lo e celebrá-lo, no seu aniversário de calendário, mas também em cada um dos restantes dias do ano. -----

É mais que isso e, acima de tudo, convém identificar liminarmente aquilo que definitivamente não é. -----

Sempre que: -----

Enganamos as pessoas, oferecendo soluções simples para problemas necessariamente complexos, não estamos a cumprir Abril; -----

Sempre que tentamos controlar politicamente as instituições, para fins diferentes do bem comum, não estamos a cumprir Abril; -----

Sempre que dividimos a sociedade em bons e maus, puros e impuros, contribuindo para a sua radicalização, não estamos a cumprir Abril;-----

Sempre que não ouvimos, não procuramos compreender, ou respeitar o próximo, não estamos a cumprir Abril;-----

Sempre que não cumprimos Abril, não respeitamos os que lutaram, sofreram, e nalguns casos morreram, pelo nosso bem estar e pela nossa liberdade. -----

Fizemos a Revolução dos Cravos, uma revolução de flores. Tal só foi possível porque:

A pobreza e miséria, a fome, fizeram-se solo fértil; -----

Numa guerra colonial injusta, em que se matava ou se morria, cada morto, fez-se semente da mais bela flor; -----

A opressão e falta de liberdade, a censura e a tortura, fizeram-se água que faz crescer a vida; -----

Na madrugada de 25 de abril de 1974, fez-se luz, sob a qual germinaram e cresceram todas estas flores. -----

Construímos um belo jardim, o jardim da nossa Liberdade. -----

Jardins eternos e infinitamente deslumbrantes, somente no Eden ou no Olimpo, mas estes só estão ao alcance dos deuses, não de mortais, comuns mortais, como nós. Os nossos jardins não são eternos, têm defeitos e limitações, próprios da nossa condição humana, o que só os torna mais belos - Espero que os Deuses me consigam perdoar esta franqueza e fraqueza-. Carecem de labor, empenhamento e comprometimento.

Aqui chegados, precisamos deixar cravado na pedra, tal como o fizeram Moirika Reker e Gilberto Reis, no Aqueduto de S. Sebastião, no seu poema - instalação, por ocasião da Bienal de Arte Contemporânea – Ano Zero de 2015 -----

Início de citação-----

“Escutai! -----

Um vento morreu. -----

Não vos dais conta? -----

Somos jardineiros e não flores.” -----

Fim de citação-----

Não somos as flores, mas sim os jardineiros no nosso jardim da Liberdade. Os jardins não cuidados degradam-se, enchem-se de ervas daninhas. Com o passar do tempo, tornam-se sombrios ermos; no limite tornam-se irrecuperáveis, têm de ser substituídos. -----

Cuidado! -----

A história e o mundo, da Guerra Civil Americana à Revolução Bolchevique Russa, dos campos de La Lys em França aos *Fields of Crosses* em Calgary, Alberta Canadá, estão cheios de exemplos destes jardins, em que as flores foram substituídas por lápides fúnebres. -----

Chico Buarque de Holanda, um dos maiores vultos, de sempre, da Cultura de Língua Portuguesa, celebrou Abril, com um distanciamento que nós, no labor intenso da jardinagem, não conseguimos ter. Celebrou à distância de um oceano, esse oceano que nos une, compondo uma bela canção, dedicada ao 25 de abril, denominada Tanto Mar: -----

Início de citação-----

" Sei que está em festa, pá -----

Fico contente -----

E enquanto estou ausente -----

Guarda um cravo para mim....." -----

Fim de citação-----

Abril não cumpriu tudo o imaginado, ou em muitos casos, da forma imaginada, então Chico Buarque, algum tempo mais tarde, entendeu reescrever, a letra da canção, gravando a versão que se viria a popularizar. A nova letra remete para todas essas contingências, mas sempre enaltecendo o momento histórico, associando uma, forte, mensagem de esperança.-----

Início de citação-----

" Foi bonita a festa, pá -----

Fiquei contente-----

Ainda guardo renitente-----

Um velho cravo para mim -----

Já murcharam tua festa, pá -----

Mas certamente -----

Esqueceram uma semente -----

Nalgum canto de jardim.... " -----

Fim de citação -----

Com trabalho de milhões de jardineiros, imbuídos de muito comprometimento, determinação e profundo respeito, a semente no canto de jardim vai germinar, crescer, florescer e produzir muitas mais sementes, que vão encher o nosso jardim, tornando-o mais belo e resplandecente. -----

Nessa altura poderemos proclamar, com o sentido partilhado, do dever cumprido: -----

Está Bonita a Festa, pá! -----

Que é como quem diz: -----

Está a cumprir-se Abril -----

Viva o 25 de Abril! -----

Mas sempre, e acima de tudo: -----

Viva a Liberdade! -----

-----**Cátia Pinto** em representação da bancada do CHEGA – Iniciou a sua intervenção através da leitura de documento que aqui se dá por reproduzido na íntegra:-----

Encontramo-nos ao dia de hoje a celebrar um dia importantíssimo para a nossa história, os 50 anos do 25 de abril de 1974.-----

Falar no 25 de abril é falar nos homens e mulheres, é falar nos heróis e heroínas é falarmos militares que lutaram com todas as suas forças para que hoje, fossemos livres, é podermos ouvir o “Grândola, Vila Morena” ou podermos afirmar “O povo é quem mais ordena” com todo o carisma, convicção e patriotismo.-----

Celebrar a Revolução dos Cravos é podermos estar aqui, cada um de nós, mulheres e homens, a lutarem pela sua terra, podermos escolher as nossas cores partidárias, a nossa ideologia sem qualquer julgamento e repressão, ou pelo menos, deveria ser dessa forma.-----

Falar deste dia é ainda um sufoco, é desejar que nunca nas nossas vidas, passemos por uma ditadura, por falta de oportunidades, por falta de acesso e direito à saúde, à educação, à justiça, à igualdade e à liberdade de expressão, olhar para este dia, é desejar que nunca mais, nenhum português ou que Portugal saiba aquilo que é restrição severa.-----



Olhar para este dia é desejar, que nós, mulheres, sejamos eternamente livres, para viver e sonhar, para ter direitos, mas também deveres, para sermos mães, mas também profissionais, para que sejamos livres de escolhermos aquilo que quisermos, que possamos ser simplesmente MULHERES LIVRES.-----

Meus Senhores e Minhas Senhoras,-----

Hoje, nas comemorações dos 50 anos de abril, não o devemos ver como algo do passado, ao momento em que nos encontramos, em pleno século (21) decorre uma guerra na europa e outra no médio oriente, existem países que ainda vivem com um regime totalitarista, com uma ditadura disfarçada de democracia, onde as garantias básicas da liberdade são culminadas e esquecidas, onde todos os dias morrem milhares e milhares de pessoas.-----

Não nos esqueçamos, que recentemente, vivemos a maior prova de liberdade de há 50 anos, lutámos e combatemos uma pandemia, onde houve uma ameaça aos valores que abril conquistou e novembro repôs.-----

A celebração do 25 de abril é mais do que uma lembrança do passado; é um lembrete da importância de defender os valores democráticos e lutar pela justiça e pela igualdade. É um dia para homenagear aqueles que lutaram pela liberdade e para inspirar as gerações futuras a manter viva a chama da democracia e da solidariedade.

A Revolução dos Cravos não só pôs fim ao regime autoritário, mas também abriu caminho para profundas transformações sociais, políticas e económicas em Portugal, tendo o país embarcado num processo de democratização, promovendo eleições livres, o pluralismo político e realizou reformas significativas em diversos setores.-----

Que os cravos continuem a florescer, lembrando-nos sempre da fragilidade e da preciosidade da liberdade.-----

Senhor Presidente da Câmara, Sr. Presidente da Assembleia Municipal, todos os presentes,-----

O 25 de abril também é falar no poder local e autárquico, foi uma ferramenta fundamental na aproximação da política à sociedade e do municipalismo, que são umas das conquistas de abril e novembro.-----

Não foi só no poder local que abril fez diferença, hoje, ser oposição é uma ameaça aos olhos de quem governa, que nunca nos esqueçamos, o 25 de abril é do povo e conquistado pelo povo.-----

Com tudo, apesar das grandes vantagens que tivemos, com instituições sólidas, com um respeito renovado pelos direitos humanos e pela dignidade individual, com toda esta abertura para uma nova democracia, continuam a existir grandes desafios, como

a desigualdade social, falta de transparência política, corrupção e a crise económica em que nos encontramos.-----

A falta de investimento adequado leva à escassez de recursos, infraestruturas precárias e falta de pessoal qualificado.-----

A corrupção, desvios de fundos, nepotismo e má administração minam seriamente a eficácia e a equidade destes setores.-----

A desigualdade socioeconómica, a pobreza, o desemprego e outras questões sociais impactam diretamente a educação, a saúde e a segurança pública.-----

Devido a isso, deparamos-nos com a triste realidade que ser jovem formado e independente se tornou um luxo e um sonho inacessível, dessa forma, aproveito este momento, para vos comunicar que hoje será o um dos últimos discursos enquanto deputada municipal, informando a suspensão do mandato.-----

Após os 50 anos do 25 de abril, terei que deixar o meu país como tantos outros jovens, em busca de uma vida estável e de um reconhecimento profissional, onde consigamos exercer a nossa profissão com dignidade.-----

Meus Senhores e Minhas Senhoras,-----

Hoje, ser de direita, defender a família e a vida, defender a Pátria e os símbolos nacionais, prezar a cultura e os costumes, ou então simplesmente defender ideais diferentes dos que se auto intitulam de “politicamente corretos”, é sinónimo de fascismo.-----

Que nunca nos esqueçamos das dificuldades e desafios enfrentados durante o período de transição pós-revolucionário e da importância de defender os princípios democráticos e o Estado de direito, celebrando assim a resiliência do povo português e da capacidade de superar divisões e conflitos em busca de um futuro comum de paz e prosperidade.-----

Caros e Caras munícipes,-----

A nossa terra, foi também parte integrante deste percurso, sofreu e passou por tempos difíceis, as suas gentes, testemunharam e viveram grandes desafios, mas também grandes conquistas e todas elas merecem o nosso reconhecimento.-----

Falar no 25 de abril é também falar no Padre Manuel Antunes, nosso conterrâneo,----- fundador da democracia portuguesa, termino assim a minha intervenção com um excerto do livro “Repensar Portugal”, “A democracia é preciso merecê-la. Não pode constituir dádiva generosa de um dia trazida nas espingardas não disparadas e nos cravos não manchados de sangue do Movimento das Forças Armadas”.-----

Como dizia Pessoa:-----

“Quem te sagrou criou-te português.-----  
Do mar e nós em ti nos deu sinal.-----  
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.-----  
Senhor, falta cumprir-se Portugal!”-----  
Que saibamos cumprir Portugal e abril,-----  
Que saibamos viver em Democracia,-----  
Que sejamos LIVRES,-----  
Que possamos ser sempre os portadores dos cravos da liberdade,-----  
Obrigada 25 de abril,-----  
Obrigada 25 de novembro,-----  
Obrigada aos homens e mulheres que me permitiram estar aqui hoje.-----  
Obrigada!”-----

-----**Presidente da Câmara** – Iniciou a sua intervenção através da leitura do 1º parágrafo do Livro Repensar Portugal.-----

*“De um dia para o outro, tudo pareceu de novo era o fim das palavras longamente proibidas, dos gestos apertadamente contrafeitos, de uma certa mentira institucionalizada, do terror invisível mas presente em toda a parte. Era a possibilidade do termo do isolamento internacional, daquele «orgulhosamente sós» que é a contradição mesma do mundo em que vivemos. Era o surpreso despertar de um pesadelo de anos, cada vez mais denso, cada vez mais escuro. Era o emergir da «apagada e vil tristeza» para um mundo outro, o mundo da esperança na sua dimensão histórica tangível. Era o regresso à pátria comum de tantos que dela tinham sido expulsos, porque a amavam de outra maneira, mas dos quais se nos dizia, infatigavelmente, que a odiavam.” -----*

Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Sertã, Senhoras Secretárias-----

Senhora e Senhores Vereadores;-----

Senhoras e Senhores Deputados Municipais;-----

Senhores representantes de entidades políticas, civis, militares e religiosas;-----

Senhores representantes de associações e coletividades presentes; -----

Senhores Jornalistas; -----

Estimado público;-----

Caros amigos,-----

Uma das grandes conquistas do 25 de abril foi o fortalecimento do poder local. Um poder local democrático, com poder efetivo, próximo das populações, agente de

coesão e desenvolvimento. Um poder local com visão estratégica, capaz de pensar o território de forma abrangente. -----

Por isso, em primeiro lugar, deixo a minha homenagem a todos os autarcas que serviram este concelho; e sendo a Assembleia Municipal, a “casa da democracia” no que respeita ao poder local, deixo, em particular, a minha saudação e a minha homenagem a todas as deputadas e a todos os deputados municipais, passados e presentes. -----

Senhoras e Senhores Deputados, -----  
Passaram 50 anos sobre o 25 de Abril de 1974 e continua a ser tempo de falar sobre Abril, e de refletir sobre Abril. -----

Há 50 anos, deixámos para trás um país triste e cinzento. E porque “a memória é a mais revolucionária de todas as coisas” (Natália Correia), é preciso não esquecer o que era Portugal antes do 25 de Abril. -----

É preciso lembrar:-----

- a miséria e a fome;-----
- a guerra colonial – fruto da falta de visão estratégica de um homem que não entendeu o seu tempo;-----
- a saga da emigração, pobre e em massa (que vivi na primeira pessoa);-----
- o analfabetismo; -----
- ausência de cuidados de saúde para todos e da proteção social do estado;-----
- a ausência de direitos, liberdades e garantias: a PIDE, as prisões políticas... e tantas outras palavras que trazem ainda uma sombra de medo. Uma sociedade do medo normalizado, onde “as paredes tinham ouvidos” e onde o nosso vizinho podia ser o nosso delator à polícia política. Um país onde até para emigrar, era preciso fazê-lo clandestinamente, “a salto”, alimentando uma rede de corrupção que explorava o desespero de tantos camponeses e operários pobres que procuravam uma vida melhor lá fora;-----
- um país amordaçado, com a repressão do pensamento livre, a repressão das manifestações culturais (consideradas subversivas), a censura, a ausência de liberdade de expressão, na comunicação social ou no dia-a-dia dos cidadãos;-----
- É preciso lembrar Portugal como um país fechado, provinciano, cinzento, apagado, um povo triste, de cabeça curvada, subserviente. (*“Pátria sem rumo, minha voz parada diante do futuro”* – assim o descreveu o poeta Miguel Torga.)-----

Alguns questionam sobre se Abril se cumpriu, sobre se o 25 de Abril valeu a pena. O simples fato colocarmos esta questão mostra que valeu a pena. Porque se o golpe de estado tivesse sido de sinal contrário, não teríamos o direito de a colocar, hoje. -----

Todavia, temos de rejeitar a ideia de que o 25 de abril deveria trazer-nos uma sociedade perfeita, acabada e imutável, uma espécie de mundo ideal cristalizado, no qual viveríamos para sempre. Não é assim que as sociedades humanas evoluem. Os desafios de cada época são diferentes e as sociedades evoluem, através de conflitos e tensões, na resposta a esses desafios. -----

Assim, o regime democrático que resultou do 25 de abril é sempre uma obra em construção, um projeto sempre inacabado, um sistema em crise permanente, e é deste facto, paradoxalmente, que vem a sua maior força. Porque sendo alimentado pela crítica e pela insatisfação livremente manifestadas, pela necessidade de ajustamento a desafios sempre novos, é um sistema em constante evolução. É um regime autocrítico, que implica ouvir e conjugar vontades, por isso mesmo, os seus processos são por vezes contraditórios, e até exasperantes, e os avanços são lentos e difíceis. Mas seguros, numa direção que procura salvaguardar direitos e não deixar ninguém para trás. Terá certamente defeitos, a democracia. Sendo produto do pensamento e da ação dos Homens, que são imperfeitos por natureza, nunca poderá ser um regime político perfeito. Terá certamente muitos defeitos, sim. Mas continuo fiel ao pensamento de Churchill quando disse, “ a Democracia é o pior dos regimes políticos, com exceção de todos os outros”. -----

Senhoras e Senhores Deputados, -----  
50 anos depois do 25 de Abril é preciso continuar a cumprir a esperança que Abril nos trouxe. -----

É preciso cumprir Abril através da construção de um país desenvolvido, justo, instruído e culto. É preciso continuar a cumprir Abril através da construção de um país onde liberdade se una a desenvolvimento e solidariedade. Há muito ainda a fazer (haverá sempre muito a fazer.) -----

O padre Manuel Antunes, a maior referência intelectual do concelho da Sertã, dizia, em 1979, nessa obra indispensável e sempre atual que é “Repensar Portugal”: “Para começar o dualismo, nos marca. Não é tanto o dualismo Norte-Sul: é o dualismo litoral-interior. É a divisão entre uma faixa atlântica de aproximadamente 30 Km e o resto do espaço nacional. A primeira bem povoada (...) e relativamente desenvolvida com as estruturas próprias e os estrangulamentos próprios de uma sociedade que cresce rapidamente, pelo menos em comparação com o resto. A segunda – esse resto

– com a exceção de algumas pequenas ilhas ou ilhéus, atrasada, pobre, quando não subdesenvolvida.” -----

Passados 45 anos sobre a publicação destas palavras, e 50 anos sobre o 25 de abril, persistem traços deste dualismo que vem de longe. -----

Temos todos a responsabilidade de lutar por um desenvolvimento fundado na equidade, onde todos os territórios tenham as mesmas oportunidades, onde a geografia não seja, ela também, fator de exclusão. -----

Cumprir abril é, mais do que nunca, ganhar o desafio do desenvolvimento solidário. ---

Senhoras e Senhores Deputados, -----

Há cinquenta anos, por esta altura, Salgueiro Maia *enfrentava com coragem e serenidade as tropas* do Regimento de Cavalaria 7, que não só contrariaram a ordem expressa para disparar sobre o jovem capitão de abril, como iriam aderir à revolução, mostrando que esta era uma vontade coletiva imparável. *Daqui a pouco, Salgueiro Maia avançaria para Largo do Carmo.* Antes, durante a noite, tinha mandado formar os seus homens na parada Môngua na EPC, em Santarém. Ali falou às tropas e reuniu os voluntários. Quem quisesse que fosse com ele para Lisboa, e iriam acabar com a ditadura. Praticamente todos os militares, e em particular os milicianos em instrução, aderem ao Movimento e querem seguir para Lisboa. A dificuldade é que entre os cerca de 800 homens da EPC só podem ir perto de 240 na coluna. Às três e vinte da madrugada, Salgueiro Maia deixou a Escola prática de Cavalaria, com uma força militar constituída por dez viaturas blindadas, 12 viaturas de transporte de tropas, duas ambulâncias, um jipe (do comando) e uma viatura civil, com três oficiais milicianos, a abrir o caminho.-----

*Não sei se a História tem um fio se*-----

*não tem. Mas já de Santarém partiu*-----

*o Capitão. De negro vem vestido*-----

*em cima da Chaimite. Ouves? É o trote*-----

*das lagartas. Cavalos e cavalos.*-----

*(Manuel Alegre)*-----

No Largo do Carmo iria jogar-se o destino de Portugal. Ali, nascia a democracia em Portugal, e nascia um herói. Salgueiro Maia, jovem capitão de cavalaria com 27 anos, geria com bravura e bom senso a rendição do governo de Marcelo Caetano, evitando que a democracia nascesse da terra inundada pelo sangue. Temos uma enorme dívida de gratidão para com este Homem que moldou a revolução à sua própria grandeza. -----

A História demorou algum tempo a encontrar Salgueiro Maia mas acabou por abraçá-lo em toda a sua dimensão militar e humana. É justo lembrar, hoje, Salgueiro Maia o “herói sereno do Largo do Carmo”, como alguém lhe chamou, mas é justo que lembremos também todos os militares de abril, que como disse o poeta Ary dos Santos, “arriscaram à frente.” Sem todos eles, não seria possível o 25 de abril. A minha homenagem a todos os militares de abril.-----

E é mais do que justo lembrar o povo português que saiu à rua e cuja alegria transformou verdadeiramente um golpe militar numa revolução popular. Graças ao povo, o 25 de abril de 1974 foi a euforia, o vendaval de esperança, as canções e a poesia na rua. Foi o povo português que fez da Democracia um rio sem regresso.-----

Porque (citando novamente Ary): -----

*Na frente de todos nós* -----

*povo soberano e total* -----

*ao mesmo tempo é a voz*-----

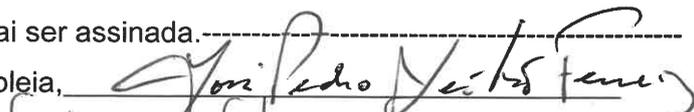
*e o braço de Portugal.*-----

Viva o Povo Português! Viva Portugal! Viva o 25 de abril! -----

-----**Presidente da Assembleia Municipal** – Antes de encerrar a sessão deixou uma saudação muito especial a todos os autarcas que ocuparam funções na Câmara Municipal da Sertã desde o 25 de abril e permitindo-lhe que o faça na pessoa do ex-Presidente da Câmara Municipal da Sertã, Dr. José Paulo Barata Farinha, pedindo uma salva de palmas para todos eles. Agradeceu ainda a todos os intervenientes, por uma vez mais termos cumprido abril, em democracia e em liberdade. Desejou a todos um bom dia de festa e que possamos continuar a festejar abril por muitos anos sugerindo que para encerrar a sessão se cante o Hino Nacional.-----

Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada pelas 11:30 horas, da qual eu, Fátima Piedade Carreiro Folgado Fernandes, lavrei a presente ata, aprovada em minuta por unanimidade e que vai ser assinada.-----

-----O Presidente da Assembleia,

  
-----

-----A Assistente Técnica,

